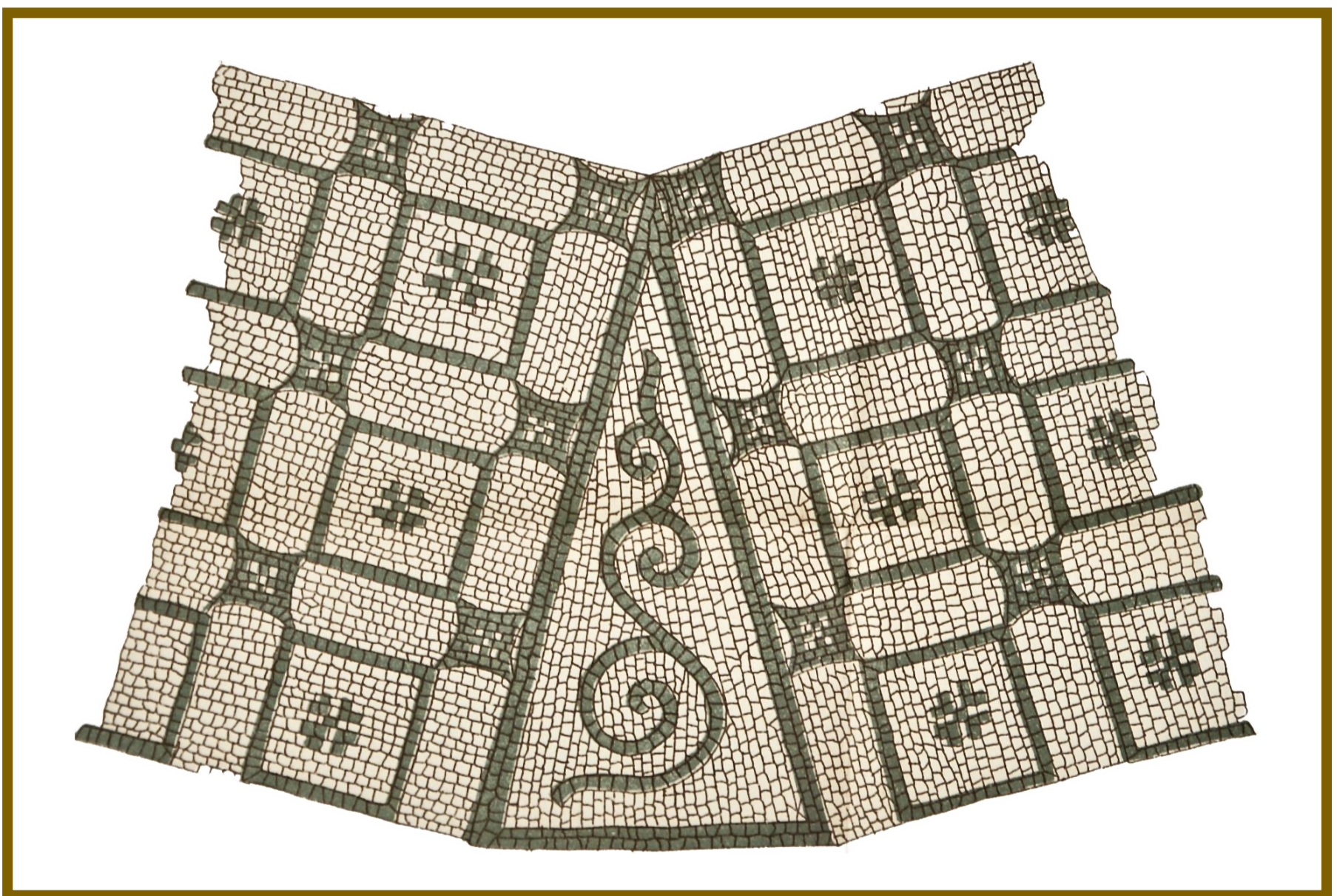


HISTÓRIA

do Mês

n.º 39 | março.18

**Restauro e valorização de mosaicos removidos
da villa romana da Boca do Rio no ano de 2010
(Budens, Vila do Bispo)**



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município
**Vila do
Bispo**

Restauro e valorização de mosaicos removidos da villa romana da Boca do Rio no ano de 2010 (Budens, Vila do Bispo)

Durante os meses de outubro e novembro de 2010, o sítio arqueológico do período Lusitano-Romano localizado em plena praia da Boca do Rio, na Freguesia de Budens, Concelho de Vila do Bispo, foi alvo de uma intervenção promovida pela Direção Regional de Cultura do Algarve, sob a coordenação científica do Professor João Pedro Bernardes, da Universidade do Algarve. A campanha arqueológica visou a escavação e o salvamento de uma área anteriormente conhecida onde ainda se conservava um pavimento de mosaicos romanos bastante ameaçado de destruição pelo gradual e irrefreável avanço do mar.

A intervenção implicou a escavação e o registo gráfico do contexto arqueológico, a limpeza, o seccionamento, a remoção e o transporte, para instalações municipais, de dois tapetes de mosaicos tessellados que formavam um 'L' nas designadas áreas "C" (9m²) e "D" (30m²), da zona habitacional, daquele complexo arquitetónico de Época Romana. Este conjunto de mosaicos foi identificado pela primeira vez em 1878, na sequência de inauguraís escavações arqueológicas levadas a cabo pelo ilustre pioneiro da arqueologia algarvia, [Sebastião Estacio da Veiga](#).

Historicamente, as ruínas da [villa romana da Boca do Rio](#) ganharam visibilidade na sequência do vigoroso tsunami gerado pelo grande Terramoto de 1755. Desde os finais do século XIX que este significativo contexto arqueológico, especializado na [produção de preparados e conservas piscícolas](#), acolheu diversas intervenções científicas que assim foram paulatinamente revelando uma contínua presença humana, datável do século I ao século V d.C.

O referido pavimento romano foi produzido segundo a técnica de mosaico tessellado (*opus tessellatum*), ou seja, pela composição e aplicação de pequenas pedrinhas quadrangulares a que se dá o nome de tesselas, uma denominação com origem no Latim - *tessellae* -, por sua vez originária do Grego Antigo e que significa "quatro".

Esta tipologia de revestimento de pavimentos com o recurso a pequenos mosaicos remonta às antigas Mesopotâmia, Creta, Grécia e Roma. Na Grécia Helenística esta arte alcançou um elevado grau de qualidade, um soberbo aperfeiçoamento artístico documentado em inúmeras obras que apresentam gramáticas complexas e temas figurativos que descrevem, sobretudo, cenas da vida quotidiana e da mitologia gregas. Com a conquista da Grécia, os Romanos incorporam a técnica do mosaico tessellado nas suas arquiteturas, especializando-se e desenvolvendo uma produção artística de elevada qualidade e de escala industrial.

As tesselas eram geralmente talhadas em rocha calcária, mas também foram produzidas em pasta vítrea ou cerâmica, com diferentes tamanhos e cores. O artista assentava as tesselas conforme um desenho predefinido, elaborando um autêntico puzzle que, em muitos casos, assumia dimensões e áreas verdadeiramente impressionantes. Os textos clássicos de Época Romana referem diferentes designações, conforme a técnica de tessellado, o tamanho das tesselas, as gramáticas decorativas e o lugar de destino do pavimento:

- *Opus vermiculatum* - composição de tesselas muito pequenas, com desenhos de grande precisão;
- *Opus musivum* - *opus tessellatum* produzido para aplicação em superfícies horizontais, murais ou parietais;
- *Opus sectile* - produzido com tesselas maiores e de diferentes tamanhos, com adição de placas de mármore incorporadas nos desenhos e na composição de figuras;
- *Opus signium* - obtido com refugos de tesselas e de cerâmica, com o objetivo de criar uma poeira colorida que se misturava com a cal, resultando num *opus* (cimento) particularmente duro e bastante impermeável.

Esta técnica era sobretudo utilizada em pavimentos e revestimentos de piscinas (*natatio*), termas, tanques de peixe e outras estruturas contentoras de água.

O nosso pavimento de mosaico da Boca do Rio foi preenchido com tesselas bicromáticas, com duas cores, brancas e azuis. As tesselas são de forma quadrangular, medindo em média 14mm nas arestas. As tesselas claras, de cor branca-bege, foram produzidas com o recurso a material calcário cristalino, bastante compacto, enquanto as tesselas escuras, de cor azul-acinzentada, foram produzidas em material calcário “margoso”.

Além deste conjunto, de composição decorativa geométrica, a histórica investigação do contexto arqueológico da Boca do Rio documentou [dois outros pavimentos de mosaicos tesselados de Época Romana](#). Estacio da Veiga, em 1878, Santos Rocha, em 1896, e José Formosinho, em 1933, procederam a escavações, ao registo e à trasladação de dois pavimentos com gramáticas mais complexas e figurativas, coloridas com tesselas de diversos tons (policromáticas), produzidas em calcários claros, escuros-acinzentados, rosas-avermelhados e com pastas vítreas azuis e vermelhas, prova material da distinção e notável riqueza dos senhores daquela *villa* romana. À época, parte destes conjuntos de mosaicos foi trasladada e incorporada em exposições museográficas fora do Concelho de Vila do Bispo. Santos Rocha levou um fragmento de pavimento de tesselas para o ‘seu’ Museu Municipal da Figueira da Foz, inaugurado em 1894, enquanto José Formosinho levou um outro grande fragmento para o Museu Regional Dr. José Formosinho, fundado em Lagos no ano de 1932.

Relativamente à argamassa de assentamento do conjunto tesselado em causa, esta resultou de uma mistura de cal e areia muito fina, aplicada sobre uma camada com aproximadamente 5cm de espessura (*nucleus*), composta por cal, saibro, elementos conquíferos e tijolo grosseiramente moído. Estas duas camadas assentavam sobre uma base (*rudus*) com cerca de 15/20cm de espessura, formada por areias grosseiras e blocos de pedra.

Antes do assentamento dos mosaicos tesselados (*opus tessellatum*) e da elaboração das suas gramáticas e motivos decorativos, a superfície dos solos era cuidadosamente preparada e nivelada. O terreno de suporte era compactado em três camadas com diferentes constituições:

- *Statumen* - camada de seixos, calhaus e pedras colocadas a seco, criando uma proteção contra infiltrações de águas pluviais;
- *Rudus* - camada constituída por uma argamassa de cal, areia ou gravilha e pequenos seixos;
- *Nucleus* - camada constituída por uma argamassa mais fina de fragmentos de telha, ou cerâmica, de modo a formar uma superfície bastante regular para receber as tesselas;
- Camada de assentamento - a finalizar, procedia-se à disposição das tesselas sobre uma camada composta de cal e de areia finíssima e/ou pó cerâmico, mistura que aflora nas juntas do tesselato.

De modo geral, o nosso pavimento de mosaicos encontrava-se em relativo bom estado de conservação, tendo em conta a sua antiguidade e as vicissitudes a que foi exposto ao longo dos tempos. A malha de tesselado apresentou algumas áreas de restauro da época de utilização do pavimento, observando-se a integração de tesselas que mantêm o motivo decorativo do pavimento e áreas de menor cuidado, sendo as lacunas preenchidas com uma mistura de cal, areia, cerâmica grosseiramente moída e pequenos seixos rolados. Uma parte do pavimento da área “D” encontrava-se sobre uma estrutura do século XVIII, associada ao edificado pombalino da *Companhia Geral das Reais Pescarias do Reino do Algarve*, ainda hoje visível naquela praia.

A área de tesselado preservado é de 20m², mais de 55% da área total dos limites do espaço arquitetónico em que se inseria (35m²). Para a sua remoção e trasladação, o pavimento tesselado foi seccionado em placas de dimensões variáveis, não ultrapassando os 2m², sendo então transportadas e acondicionadas, provisoriamente, em instalações municipais.

Em novembro de **2014** procedeu-se à transferência das diversas placas para novas instalações municipais, no Monte de Santo António, um armazém que reunia adequadas condições para o futuro processo de restauro definitivo.

Finalmente, no dia 14 de fevereiro de **2018**, deu-se início à execução do projeto de restauro definitivo deste pavimento de mosaicos tesselados originário da Boca do Rio. A intervenção, da iniciativa do Município de Vila do Bispo, encontra-se a ser desenvolvida por uma equipa especializada na área da Conservação e Restauro Arqueológico.

Trata-se de um procedimento de elevada complexidade técnica, sobretudo pela degradação das madeiras e dos materiais ligantes utilizados nos suportes provisórios. A metodologia definida implica diversas fases, desenvolvidas ao longo de 4 meses: limpeza de impurezas e de contaminações biológicas e químicas, extração de antigas argamassas de assentamento, regularização, consolidação e reintegração de tesselas, aplicação de resinas reversíveis e de novas argamassas segundo a composição original, afinação e testes de juntas e aplicação em suporte final de alumínio “favo-de-mel”.

Porém, todo este difícil e moroso processo só ficará efetivamente concluído com a merecida valorização e justa partilha sociocultural desta importante peça do património arqueológico do concelho de Vila do Bispo. Tal encontra-se previsto e garantido com a final integração dos painéis de mosaicos da Boca do Rio num novo espaço museológico que abrirá portas, em Vila do Bispo, nos inícios do ano de **2020** - o [Celeiro da História de Vila do Bispo - projeto EPAC | Equipamento Público de Ação Cultural](#).

Reabilitando o edifício dos antigos [celeiros da Federação Portuguesa dos Produtores de Trigo de Vila do Bispo](#) e preservando na íntegra a marcante arquitetura de arqueologia industrial pré-existente, este novo espaço incluirá uma narrativa expositiva e interpretativa acerca da herança coletiva do Concelho de Vila do Bispo, desde a sua fundação geológica, aos mais remotos vestígios culturais de presença humana identificados pela Arqueologia, passando pela História e pelas suas personagens, pela Arqueologia Subaquática dos naufrágios e das batalhas navais, pela riqueza e singularidade da biodiversidade local e, claro, pela memória viva e etnográfica destas nossas gentes da Terra e do Mar.

texto e fotografia de **Ricardo Soares**
arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Bispo